07 - Desconstruções e Transformações

Elizabeth Lima da Rocha Barros
São Paulo

Sumário

A autora inspirando se em D. Meltzer sugere que a transformação ou o crescimento (growth) mental ocorre por meio de um *trabalho mental* (mental work) através do qual as formulações mentais se incrementam ganhando *complexidade, sofisticação e consequentemente ganhando especificidade* (esse trabalho mental) *em relação às situações nas quais pode ser empregada.*
A seguir descreve os diversos processos de desconstrução e de transformação que ocorrem durante uma sessão de análise e por fim utiliza-se de um fragmento de uma caso clínico para ilustrar as ideias desenvolvidas neste texto.

Palavras chaves
Desconstrução, transformação, sonho, sonhar com, símbolo, ataque aos símbolos.

07 - Desconstruções e Transformações

O tema "Desconstruções e Transformações" é muito amplo e engloba uma área de preocupação da Teoria Psicanalítica que foca centralmente a questão de como se concebe a mudança psíquica na clínica psicanalítica contemporânea. Diante desta amplitude impõem se a necessidade de escolher um ângulo limitado a partir do qual abordar este tema sabendo que muitas perguntas serão deixadas sem resposta.

Nos últimos dez anos tenho me dedicado junto com Elias M. da Rocha
Barros ao estudo das formas simbólicas e seu desenvolvimento, tema este que remete a questão acima proposta como objeto desta reflexão, ou seja, abrange o exame de que modo este processo de desconstrução e transformação ocorre. Para mim este processo seria melhor caracterizado se o qualificasse de um trabalho de *metabolização mental.* Este foco resultou em inúmeras publicações de nossa parte e infelizmente poucas delas em língua portuguesa ou espanhola.

Meltzer (1978) sugere que a transformação ou o crescimento (growth) mental ocorre por meio de um *trabalho mental* (mental work) através do qual as formulações mentais se incrementam ganhando ***complexidade, sofisticação e consequentemente ganhando especificidade*** **(esse trabalho mental)** ***em relação às situações nas quais pode ser empregada.*** (pág. 73)

Para que este trabalho mental seja possível no sentido de propiciar a descontrução de uma estrutura já e possibilitar a incorporação de uma nova ideia (ou formulação mental) resultante de um insight, é necessário que certas condições sejam preenchidas. Estamos falando aqui também de aprender com a experiência. Esta para ocorrer necessita contar com um estado mental que seja capaz de ao mesmo tempo perder a rigidez e permanecer integrado. Quer dizer o indivíduo necessita ter a possibilidade de reter o conhecimento de suas experiências passadas e presentes assim como suas crenças e ainda ter a maleabilidade para incorporar uma ideia nova equivalente a uma *nova formulação mental* que altere o significado deste passado e permita uma re-significação da vida presente. A ideia nova deste modo seria o elo que mantém a continuidade do sentimento de identidade.

Pretendo nesta apresentação discutir estes processos e para tanto utilizarei um exerto clínico. Penso que o tema da desconstrução e de seu corolário, as transformações, poderia ser melhor tratado e ilustrado através do trabalho mental que ocorre durante o que habituamos a chamar contratransferência e/ou *reverie* em seu movimento dialético no processo de construção da Interpretação. Já tratamos deste tópico em outros trabalhos (Rocha Barros & Rocha Barros, 2016) e nesta apresentação aproveitarei o que já refletimos a respeito, mas agora aperfeiçoado pelo aprofundamento de nossas reflexões.

Os termos "desconstrução" e "transformação" nos remetem à questão da mudança psíquica tanto do paciente quanto do analista ao longo de uma sessão ou de uma análise. Mas inclui igualmente o que ocorre ao longo da vida no enfrentamento das milhares de experiência emocionais por nós vividas. Já o termo "transformações" vem adquirindo uma polissemia intrincada. De um lado nos conduz diretamente à Bion que a empregou num sentido específico e de certa forma restrito, mas que ao longo dos anos tem sido ampliado para abranger todas as áreas que envolvem aquilo que convencionamos chamar de operação da função alfa e que se manifesta através das transformações simbólicas. O conceito de transformações em Bion abrange--dito de maneira muito ampla e ignorando as suas especificidades-- a descrição de uma série de mudanças de um conjunto de elementos que variam a partir de um estágio anterior quando comparados com o estágio posterior. (López Corvo, 2003).

Outros autores também especialistas nesta área são críticos deste uso generalizado, por exemplo, P.C. Sandler (2005) que num extenso capítulo sobre o termo crítica sua descontextualização. Estarei usando o termo no seu aspecto abrangente e não pretendo entrar nesse artigo na polêmica sobre o uso do vocábulo porque não considero relevante para o escopo deste trabalho embora a questão mereça estudos e aprofundamentos do tipo proposto por Paulo Sandler. Desconstruções e transformações ocorrem o tempo todo durante uma sessão analítica seja na mente do analista, do paciente ou na interação entre ambos. Ocorrem também durante nossas vidas seja quando estamos acordados ou não. Aqui cabe uma indagação: desconstruções e construções transformadoras ocorrem em momentos pontuais constituídas de unidades discretas ou só existem como processos? Esta pergunta não nos leva a uma resposta fácil se tomarmos, por exemplo, um acontecimento pontual numa sessão que dará ensejo a um processo que contém momentos de progresso e outros de retrocesso.

Dentro desta mesma perspectiva tanto a presença do analista como o *setting* assim como as narrativas do paciente constituem gatilhos para que ocorram transformações que se constituirão em uma construção ou numa desconstrução dependendo do contexto no qual ocorram as vivências emocionais.

Os processos associados às transformações que resultam em mudanças psíquicas implicam sucessivas desconstruções são variados e se interconectam na tradição kleiniana, Bioniana e pós Kleinianas. Podemos mencionar os movimentos de PS em direção à PD, o processo de continência tal qual definido por Bion e as transformações propriamente ditas propiciadas por experiências emocionais significativas acopladas ao trabalho psíquico operado através da função alfa. É muito difícil, senão impossível, pensar em cada um destes processos isoladamente. Eles operam em fluxo e simultaneamente.

Como lembra Luiz Meyer (2017, pág 11)) em trabalho seminal ao citar Meltzer (1986) indicando que a mente funciona ***em fluxo***. Ele escreve: "*ela não cessa de enfrentar e delinear questões o que me leva a sugerir, de modo especulativo, a existência de uma função especializada voltada para a "captação" da questão. Esta função surge inicialmente como um engrama, uma marca irritativa, espécie de ranhura no solo psíquico. Ao focar continuadamente*

a dimensão afetiva inerente ao confronto ela vai "crescer" e se transformar em uma estrutura cuja função será a de executar varreduras, flagrar as questões tornando-se, ao cabo uma matriz. Ao mesmo tempo, ela é o acicate que "atrai" o enfrentamento e "impõe" a necessidade de entendimento. " (página)

É preciso enfatizar como o faz Meyer que a mente por meio deste processo contínuo não busca *resolver* os problemas colocados pela questão, mas tão somente *equacioná-los* em forma de questões.

Já Laplanche (1981, p.58) descreve algo semelhante denominado "efeito Zeigarnik. " (*l'effet Zeigarnik*-esta é uma referencia ao psicólogo russo Bluma Zeigarnik, que propôs esta noção em 1927). Este processo atuando na mente diz respeito à necessidade *de levar a seu termo as tarefas emocionais que não foram acabadas*. Creio que estava sublinhando o fato de que aqueles *problemas* ou conflitos psíquicos inconscientes que não encontravam uma solução emocional satisfatória continuavam a ser pensados inconscientemente com os instrumentos representativos e expressivos disponíveis a cada momento, ou seja, através do símbolo/ representação que contém estes dois aspectos. Esta operaria uma espécie de função metabólica em nossa vida psíquica que buscaria ou seria pressionada a lidar com qualquer experiência de sofrimento psíquico. Essa necessidade de metabolizar a experiência para modular a ansiedade seria neste caso a marca irritativa, nesta perspectiva.

Já para Luiz Meyer esta marca irritativa seria o sentimento de incompletude que geraria uma impossibilidade de estancar o incremento da ansiedade provocada pela "questão" em forma de conflito. Quando este incremento é excessivo, torna-se traumático.

Em outro trabalho (Rocha Barros & Rocha Barros, 2013) utilizamos a expressão "metabolizar" para sugerir que a mente ao produzir formas simbólicas obedece ***a uma necessidade de se auto interpretar ou compreender-se***, num processo continuo de trabalho mental de elaboração e, assim de transformação (working-through) do sofrimento psíquico de forma a manter a ansiedade em níveis toleráveis para o ego. Dizendo de outro modo criando um ambiente mental onde seja possível ***refletir*** sobre a experiência emocional de sofrimento. A marca irritativa aqui seria a **ansiedade gerada pela impossibilidade** de se refletir sobre a experiência emocional devido à falta de instrumentos para fazê-lo. Disse também que o instrumento perfeito para se observar este trabalho mental transformador **é o processo de construção do símbolo em seus aspectos formais** já que este também contém em si uma exigência de progressão em busca de uma elaboração do sofrimento psíquico.

Então seja através de uma ***varredura*** (Meyer, 2017) ou de uma necessidade ***de levar a seu termo as tarefas emocionais que não foram acabadas*** (Laplanche, 1981) *ou obedecendo* ***a uma necessidade de se auto interpretar ou compreender-se*** (Rocha Barros e Rocha Barros, 2013), nossas mentes estão permanentemente engajadas em desconstruir e construir como parte de um processo equivalente à metabolização das experiências mentais vividas.

Cassirer (1956, pag. 163) um estudioso das formas simbólicas e expressivas refere-se a este trabalho mental como um ato *de expressão livre* dizendo que ele se constitui por meio de criação de formas simbólicas cuja mola propulsora é a necessidade (urge) de ampliar a capacidade expressiva do sentimento para melhor compreender o mundo interno e externo. Nossa consciência assim como nosso inconsciente não se limitam a captar impressões do mundo. Essas instâncias oferecem a si mesmas uma primeira interpretação da experiência através da criação de uma forma simbólica para **representa-las e expressá-las.** Estas ideias têm inspirado direta ou indiretamente quase todos os trabalhos psicanalíticos na última década.
Acima quis acentuar o fato de que uma forma simbólica não se limita a criar uma representação inicialmente imagética, mas também o faz de uma determinada maneira. De um

lado um símbolo capta e interpreta uma experiência de outro esse mesmo símbolo a expressa de uma maneira singular. Aqui o **que e o *como*** uma experiência é captada interagem dialeticamente e inseparavelmente.

Levine (2016) diz algo que ilustra outra faceta deste fenômeno de construção de uma representação: "*Uma outra forma de descrever isto é dizer que cada estímulo—interno ou externo, pulsão, sensação somática ou percepção---é uma **presença ou coisa**, que produz um efeito ou perturbação sensorial (turbulência) que, então, precisa restringir se ao âmbito de um recipiente apropriado e/ou transformar-se. Este processo de contenção e transformação, inevitavelmente implica construção"* Diga se aqui que uma nova construção é sempre fruto de um processo de transformação

Eu acrescentaria: construção **de um símbolo que represente e expresse em diferentes graus os sentimentos em processo de metabolização**.

Mencionarei a seguir alguns autores que têm refletido e contribuído sobre nesta área da construção de uma representação.

Jean Claude Rolland (1998) fala de uma *compulsion a la representation* que Howard Levine redefine elegantemente como *imperativo representacional*. René Roussillon (2012) menciona uma compulsão à integração, atuando no psiquismo. Embora esteja de acordo tanto com Rolland como com Roussillon, eu enfatizaria que existe também uma pressão (urge) permanente inerente ao ego para uma integração das diversas partes cindidas. Roussillon (2012) explicita que o processo de simbolização é aquele que dá forma à matéria prima psíquica, e acrescenta que estes símbolos estão submetidos a uma espécie de compulsão à integração (*compulsion à l'intégration*). Melanie Klein (1960 vol. 4 pp 274), em um de seus últimos escritos, também se refere a uma força primordial que existe no psiquismo que faz com que este almeje sempre a uma integração.

Até aqui procurei acentuar que não apenas o que a imagem representa é central num sonho por exemplo, mas também *como ela o faz.* Estes dois aspectos não funcionam isoladamente e estão em relação dialética, da mesma maneira como os diversos elementos formais constituintes da imagem total. Novamente é Luiz Meyer (2014) quem melhor descreve esta relação entre conteúdo e forma ao dizer que "*aquilo que é escolhido pelo sonhador como questão nos informa sobre o foco perceptivo da estrutura psíquica; já a forma expressiva usada para produzi-la nos informa sobre os recursos existentes para produzi-la"* (página 140)

Citei tantos autores, algo tão fora de moda em trabalhos psicanalíticos que se mostram alérgicos ao que poderia parecer puro academicismo, visando mostrar uma confluência de preocupações concernentes aos processos de transformação da experiência emocional proveniente de autores das mais diversas procedências e culturas psicanalíticas. Isto nos diz alguma coisa, algo muito importante diretamente associado ao tema deste encontro promovido pela FEBRAPSI.

A pergunta que se coloca a seguir é: Mas como operaria esta necessidade de criar formas simbólicas?
É preciso notar e enfatizar que nenhum destes movimentos ocorre apenas pontualmente. São processos! Depois de desencadeados ocorrem idas e vindas que produzem novas sínteses. A cada retrocesso de um momento PD para outro PS há um ganho, uma desconstrução que não derruba toda a estrutura deixando remanescentes que permitem uma nova construção em direção de outro momento PD diferente do anterior. Britton (1998) descreve este processo em detalhe. Da mesma forma algo que é "contido" através de uma transformação fruto de uma atribuição de um novo significado à experiência pode retroagir total ou parcialmente ou

integrar uma nova rede afetiva que demande uma nova experiência de transformação de significado através de nova postura continente.

Algo compreendido numa sessão pode ser des-entendido no intervalo que precede a sessão seguinte na qual uma nova compreensão reformulada pode se dar. Estes movimentos de vai e vem são igualmente importantes para o processo analítico, pois mostram as defesas operando e, sobretudo, a maneira como se reorganizam para oferecer eventualmente *refúgios psíquicos* (Steiner, 1993). Cabe aqui fazer uma associação com o conceito de **adaptação** proveniente da Biologia Evolucionista. Mudanças estão ocorrendo constantemente tanto nos ambientes quanto nos organismos que neles habitam e o constituem. A imensa maioria destas mudanças não é significativa e será descartada. Algumas mudanças, entretanto adquirem um valor de sobrevivência que produzirá a aquisição de uma nova estrutura que por sua vez logo será desafiada.

Estas mudanças operam por ampliação do campo dos sentimentos envolvidos nas experiências emocionais sendo metabolizados que permitem uma nova articulação na vida psíquica e a abertura de novas redes afetivas. Não são mudanças redentoras que salvam o paciente de seu inferno de uma vez e para sempre. São experiências que contextualizam as vivencias e as ampliam criando desta maneira a possibilidade de levar o conflito para o campo da reflexão.
Até aqui estou agora falando da importância dos processos simbólicos como base de todos os processos de transformação e que são os instrumentos que às vezes promovem desconstruções e noutras permite lidar com estas sem se desestruturar.

Símbolos podem ser de diversos tipos e são compostos de pelo menos dois aspectos: um representativo e outro expressivo.
Neste ponto antes de passar a um exemplo clínico necessito recapitular alguns aspectos complementares aos processo da transformação simbólica e para tanto citarei passagens de outro trabalho (Rocha Barros, E. e Rocha Barros, E. 2016) para ilustrar a afirmação acima.
O aspecto **representativo do símbolo** é conhecido há muito. Refere-se à aquilo que o símbolo substitui e está, portanto, no lugar de. Por exemplo, um coelho pode representar a fecundidade. O aspecto **expressivo** manifesta se por aquilo que o símbolo quer produzir no outro, a forma pela qual este impacta o recipiente. Aqui entra o "como", isto é porque, por exemplo, escolher um coelho para representar a fecundidade e não, por exemplo, uma semente? O que este coelho expressa? Qual uma de suas muitas qualidades evocativas está sendo ativada?

O coelho pode gerar fantasias de caráter sexual num determinado contexto ou se associar a ideia de um animal daninho que destrói plantações, ou a algo fofo como um bichinho de pelúcia. Ao invés de coelho poderia estar mencionando uma pedra ou uma concha símbolos que aparecem no excerto clínico que usarei para ilustrar minhas ideias.

Agora preciso definir e enfatizar o papel da *expressividade*[1] no plano não-discursivo dos símbolos metais e a seguir descrever sua relação com a discursividade no mundo interno nas suas relações com a vida mental consciente e inconsciente. Este termo, da maneira que o estamos empregando, deriva de Collingood (1933*) e de Benedeto Croce (1925, 2002) e se refere a um aspecto da arte <u>que não visa apenas descrever ou representar emoções</u>, mas **centralmente transmiti-las *<u>produzindo-as</u>* *no outro ou em si mesmo a partir de uma evocação***

1

The connection between intuitive knowledge, or expression, and intellectual knowledge, or conceptual, between art and science, poetry and prose, can be expressed in no other way than by talking of a connection between the two levels The first level is expression, the second the conceptual: the first can exist without the second, the second cannot exist without the first. There is poetry without prose, but there is no prose without poetry. Expression is, indeed, the first assertion of human activity. Poetry is "the mother tongue of the human species." (Croce, 2002 pag 29)

uma representação mental colorida pela emoção. A **expressividade precede a capacidade comunicativa através de palavras.** No caso poderíamos dizer que **é uma representação dirigida para alguém**. Este seria o traço característico da identificação projetiva comunicativa. Do ponto de vista psicanalítico a *expressividade* é um dos componentes essenciais da identificação projetiva. Este é o aspecto mais plástico do símbolo.

Símbolos variam na sua capacidade de comunicar experiência. Podem, por exemplo, representar uma situação ou uma experiência emocional e ser a base de uma fantasia inconsciente, mas comunicar pouco da experiência emocional devido a uma restrição em sua capacidade expressiva e esta, então em consequência, tem uma baixa e limitada ressonância emocional.

Símbolos podem ser atacados em seu próprio processo de criação. Quando este processo é desvelado pelo analista pode despertar uma reação muito limitada, hostil ou indiferente.
Creio que exemplos clínicos ajudarão a compreender estas afirmações. Contudo ilustrar os conceitos mencionados acima é difícil, pois demanda largos trechos de sessões para *indicar o caráter de processo* de todas as transformações que se manifestam através de diversas formas de desconstrução e reconstrução, cada uma destas sendo um modo de transformação. Algumas dessas seriam destrutivas, como por exemplo, quando o paciente destitui de significado a interpretação que num momento fez sentido e produziu uma mudança; outras vezes desconstruções positivas quando ocorre que uma crença que tinha caráter fundacional no modo de vivenciar do paciente é desconstruída por um conjunto de observações do analista que se sustentam ou geram experiências emocionais significativas que alteram o significado das estruturas anteriores.

Tomemos uma sessão que apresento para ilustrar os temas desta conferencia (transformações e desconstrução). Esta sessão é relatada por meio de materiais efetivamente ocorridos e narrados da maneira como foram apresentados na sessão e noutros momentos menciono trechos que sintetizam situações e experiências emocionais passadas.

A paciente é uma artista de na casa dos cinquentas anos, casada com um marido executivo bem mais velho do que ela e nada afeito a quaisquer manifestações artísticas. A família é de extração asiática oriental embora já adaptada à cultura brasileira. Ela não descreve seu companheiro como sendo uma má pessoa, mas como alguém que não dialoga e teimoso em suas crenças, capaz de ficar dias em silencio absoluto em sua casa mesmo quando as pessoas se dirigem verbalmente a ele. Por vezes responde com monossílabos. Outras vezes toma conta da conversação que se desenrola na mesa, quando os filhos do casal com suas respectivas esposas estão presentes, contanto fatos e suas reflexões à respeito deles que aparentemente não interessam a ninguém e são descontextualizadas. Por exemplo, entra numa conversa contando como alguém inventou um parafuso que permitiu mudar a função de uma retroescavadeira que era utilizada em minas de selênio na África. Ou comenta uma passagem de Nietsche quando os outros estão falando de gracinhas exibidas por seus netos.

Numa sessão Monica chega muito aflita, deprimida, agitada, com uma expressão constrita e uma voz chorosa dizendo que sua casa é um túmulo, que não aguenta mais, que os filhos não aparecem há quase três dias (o analista se pergunta seria tanto tempo assim? Mas também leva em conta o caráter coeso e familiar da cultura oriental), que não viu nem teve animo de visitar os netos. Pergunta se a seguir repetidamente: *qual o valor de sua análise*? Fala no desejo de morrer, de sair de cena. Acrescenta que está sem inspiração e que nenhum dos quadros que olhou hoje numa galeria lhe produziu qualquer prazer. A paciente além de artista é colecionadora compulsiva. Por fim diz que ficou andando por ai sem rumo para não ficar em casa.

No pano de fundo estava em minha lembrança a sessão anterior que ela apreciou, tendo saído do consultório do analista alegre e aliviada. A pergunta que se impôs para mim foi: como as coisas mudaram de um dia para o outro? Esta mudança seria fruto de vivências externas ou internas ou eventualmente de ataques invejosos ou competitivos à função do analista? Esta ideia de ataques invejosos muitas vezes é vista como fora de moda entre nós, mas felizmente não é a moda que governa a teoria da clínica psicanalítica. Que outras possibilidades haveria? Acredito que neste momento o analista necessite de uma grande segurança para permitir que sua mente divague livremente de modo a permitir que associações livres que podem ou não se constituir numa reverie, aconteçam de forma a expandir nossa capacidade de compreensão. Vejamos a continuidade da sessão.

A analista capta a atmosfera pesada, sente-se desencorajada, desapontada com seu trabalho, contempla a ideia de deixar de ser analista para não ter que lidar com este tipo de sentimento sugestivo de que todo seu trabalho anterior foi por água abaixo e capta em si também momentos de falta de entusiasmo pela vida e lhe vem a mente um desinteresse por crianças pequenas pelas quais normalmente sente revitalizada e se diverte brincando com elas. De certa forma a sessão anterior foi sepultada e se instalou a frequentemente mencionada atmosfera de túmulo de sua casa. O que teria sido sepultado? A compreensão, o relaxamento produzido? Quais seriam os fatores que a impediram de manter seu estado de espírito? A associação com a queixa sobre a ausência de netos fica ressaltada e contrastada com a falta de interesse que a paciente relata por tudo à sua volta e que também parece tomar conta da analista. Esta procura articular algo para dizer à paciente buscando utilizar-se de das metáforas de Monica, presentes de forma implícita em sua narrativa.

Neste contexto a analista observa para a paciente: *Parece que tudo o que conversamos nas sessões passadas foi sepultado num mar de silêncio dentro de você. Nada do que dissemos gerou qualquer fruto, não deixou netos que pudessem visita-la e pelos quais você pudesse se interessar e que preencheriam sua vida com mais vitalidade*.

Como disse a interpretação ou observação da analista utiliza-se de metáforas presentes na narrativa da paciente e ao mesmo tempo deixa um espaço aberto para ser preenchido por um trabalho mental da paciente. Este comentário é muito importante. A interpretação não deve, a meu ver, ter um caráter explicativo e causal. Precisa deixar um espaço para o trabalho mental do paciente para não saturar o espaço mental da inter subjetividade. O caráter metafórico da linguagem captada na narrativa da paciente visa "pulsionar", ***energizar*** as palavras associando-as à vivências impactantes.

A agitação da paciente cessa, ela suspira, parece acalmar-se um pouco e diz ao analista, com uma voz deprimida.
Saco! Chato. Tudo é chato! Passou o Carnaval, acabou a praia, a família, os netos. Mesmo as coisas boas ficam chatas. Ou é a volta das férias à vida quotidiana que é chata? O recomeço, todos os recomeços, retomar o dia a dia. Silêncio.

Neste momento vários pensamentos ocorrem à analista, alguns deles são reflexões, outros livre associações seguidas de imagens. Dentre as reflexões surge a pergunta: será que esta volta atrás tem algo a ver com a separação do analista ocorrida entre as sessões que incluíram um fim de semana? Não se trata de uma pergunta retórica *démodé.* A questão é saber o que ocorre com a representação do significado do analista no mundo interno do paciente durante o tempo em que ele não está fisicamente presente. O que impede que esta representação seja conservada? A revêrie exige um trabalho mental complexo a ser realizado na mente do analista. Estas perguntas só podem ser respondidas pelo material que virá ou deixará de vir. Mencionei também a ocorrência de imagens. Este momento ocorreu uma imagem de um abismo que não poderia ser ultrapassado por um salto. A referencia aqui é clara, provem de

um inconsciente muito próximo da consciência e provavelmente diz respeito a um sentimento de que nada que o analista diga fará uma ponte com seu estado de espírito para transformá-lo. Tudo isto ocorre, naturalmente em centésimos de segundo e também de maneira simultânea.

A paciente então volta a falar:
Você sabia que até sonhos podem ser chatos?!!!Sim sonho chato. Chatérrimos!!!!.
No meu sonho tinha um cara que estava pregando um prego numa pedra. Um ruído do tipo "pim, pam; pim pan" interminável. "Pim! Pam! Pim Pam durou uma eternidade. De repente saiu um jorro de água da pedra. De repente! Como estava muito quente o dia, aproveitei para me refrescar, coloquei meu rosto na frente do jorro de água. Passou um tempo e surgiu meu irmão gritando: "Você é louca? Não está vendo que é xixi de bode, o líquido é amarelo. Você não viu? Aí saí correndo morrendo de medo quando vi que o líquido era amarelado.
A analista decide ficar em silêncio.

Cabe aqui uma divagação: por que esta decisão? Provavelmente eu especulo que é fruto do estado de espírito representado pela imagem do abismo intransponível. A analista é paralisada pelo sentimento de impossibilidade de se comunicar diante de uma barreira que parece intransponível, sente se diante de uma pedra difícil de perfurar, vê-se diante de uma metáfora que expressa seu sentimento em relação à transformação do estado de espírito da paciente, o jorro refrescante das conversas da sessão anterior viram um jato de xixi de bode. Por que bode? De um lado a figura do bode é engraçada e fica associada espontaneamente à expressão "estar de bode".. Ocorre também à analista que neste momento a paciente passa a se assemelhar ao marido que não responde, não interage, não lhe atribui um status de pessoa com existência própria.

A sessão segue:
A paciente comenta: *Quem aguenta um cara batendo um prego numa pedra até furar. Não há paciência que tolere isto. O que estava mais vivo no sonho era meu medo. O medo que tomou conta de mim quando eu estava me refrescando com o jorro de água que por sinal era morna mesmo. Medo horroroso. Passa se um ou dois minutos e a paciente diz: acho que vou me embora. Da minha cabeça não sairá nada está tudo muito chato.*

A analista sente se mais encorajada pelo relato do sonho, capta o caráter tedioso do Pim! Pam repetido a exaustão pela paciente e pensa num dito popular: "água mole em pedra dura tanto bate até que fura" e lhe vem à mente que a expressão "amarelar" é uma forma para se referir a medo e á acovardamento. Todos estes pensamentos ocorrem em décimos de segundos e, novamente, são praticamente simultâneos.

Qual a natureza deste trabalho mental ocorrendo no analista? Trata-se de uma *reverie* que exerce um trabalho de figuração como sugerem os Botela (2005)? Seria esta figuração, isto é a produção destas imagens (este conceito inclui ideias sob a forma, portanto, de um simbolismo verbal) seriam formas simbólicas existentes entre um estado intermediário entre pensamento e sonho? Acho que podemos dizer que se trata de um processo de elaboração ocorrendo na mente do analista, na impossibilidade da paciente realiza-lo e que se expressa através de uma transformação de algo mais primitivo, não representado, impensável em algo que adquire uma forma que pode inspirar uma interpretação ou observação da parte do analista. Este "algo" adquire uma urgência que poderíamos chamar de pulsional ou usando uma palavra menos carregada de sentido, uma urgência (urge em inglês que é mais amplo e menos impositivo do que o vocábulo "urgente").

A paciente faz menção de se levantar e o analista resolve intervir dizendo:
(Aqui operou este "***urge***" introjetado pelo analista via projeção da paciente que provavelmente atingiu um nível insuportável de ansiedade)

Monica será que o sonho não foi lembrado nesse instante como uma forma de se perguntar se eu como sua analista, e as pessoas à sua volta, irão aguentar o seu empedramento? Sua cabeça dura de mudar, de permitir que um jorro de frescor alivie você nesta volta de férias e assim facilitar a retomada do quotidiano que ficaria mais leve? Será que o medo associado com sua volta ao cotidiano não funciona como um jorro de xixi que reitera seu medo, isto é faz você ***amarelar**** *e este medo estraga tudo o que já conversamos aquilo e que antes já a ajudou? e o resultado é deixar você de "bode"***?Seria talvez um medo de que eu respondesse a você agressivamente acusando a de ter transformado o jorro de água fresca que lhe ofereci ontem em xixi que a deixa tão a ansiosa que faz você amarelar e querer fugir daqui?

Novamente a analista está se utilizando de uma linguagem cheia de metáforas construídas a partir do relato da paciente, das palavras usadas por ela primeiramente num sentido denotativo ao qual o analista acrescenta um sentido conotativo. Esta transposição de um conteúdo denotativo para outro conotativo deixa um espaço aberto para um trabalho psíquico da paciente. A fala do analista é longa e isto traz um risco desta ser ouvida como uma preleção ou aula. Mas por outro lado o caráter vivo das metáforas pode mobilizar um interesse de parte da paciente e transformar o dito em algo mais do que um discurso, gerando uma experiência que muda o significado da experiência emocional vivida até então. Estas observações do analista realizam uma ponte entre sentimentos e pensamentos e talvez possam permitir que a partir desta vivência a paciente passe a sonhar sonhos antes *insonháveis* (Ogden 2004; Cassorla 2013)

A paciente volta a deitar se no divã e comenta:
Este irmão do sonho é aquele que decidiu mudar se da França por medo do que estava acontecendo lá, do terrorismo e do espírito anti imigração, anti todo tipo de estrangeiro que vai se instalar ou já se instalou com a Le Pen. Tantos anos lá e agora ter que voltar para um pais onde você se parece com todos (referindo se às feições orientais) mas já não tem nada a ver com ele, nem a língua você fala como um nativo, seu vocabulário é datado. Também eu penso em ir embora e isto me desespera. Não ver mais os filhos, netos, inventar uma vida noutro lugar ainda que voltar às origens num pais que não desgosto, mas com o qual não me identifico. Tenho a nacionalidade desse país mas nada tenho a ver com ele. É muito frio, muito cheio de gente, uma cultura que conheço mas não partilho, o país de meus pais. Túmulo por túmulo fico aqui, mas isto aqui está tão ruim, tão sem perspectivas,..sem esperança também, tudo afundando.

A analista se confronta novamente com a imagem do túmulo associado com um temor de des-enraizamento, de perda de identidade, de capacidade de comunicação (a questão da língua) e com tudo isto desembocando numa perda de esperança. O sonho, ou melhor, as imagens do sonho vão se tornando portadoras de outros significados. O irmão que a adverte no sonho é aquele portador de um medo maior, um medo de perda de identidade, de raízes, de isolamento e discriminação, de limitações na capacidade de comunicar.

Estou parando por aqui meu relato da sessão que continua e muitas coisas ainda serão ditas. Quero enfatizar que a interpretação/observação da analista, guiada pela pelas imagens que foram evocadas em sua mente sobre as quais realizou um profundo trabalho psíquico de transformação, posteriormente compartilhado pela paciente resultou numa ampliação da capacidade expressiva de suas representações mentais. É isto que estou propondo chamar de metabolização das experiências mentais aqui descritas em mais detalhes. Evidente que poderia aprofundar ainda mais a compreensão deste processo mas o tempo e o espaço que deve ser deixado para nossa discussão aconselham-se uma concisão.

E para finalizar enfatizaria que seguindo nossa linha de pensamento (Rocha Barros & Rocha Barros, 2016) diríamos que a evocação se consubstancia num processo (marcado pela ideia de

movimento) que gera um afeto ou uma representação na *revêrie*. No momento do impacto inicial produz uma desconstrução, uma desorganização seguida de uma nova articulação que permite a manifestação de complexos elos inconscientes entre afetos que interferem na constituição do significado da experiência emocional. Esses elos não são detectáveis na consciência e assim não são vividos *como experiência viva*.

Antes que possa haver uma interpretação é necessário que o analista passe por um *trabalho psíquico* complexo, em parte consciente, noutra parte não. Não basta que este se conscientize de ***quais sentimentos*** são projetados em sua mente pelo paciente mas é também necessário que ele detecte de ***que maneira* a vivência desses sentimentos o afetou**. Essa segunda etapa é essencial para que possamos nos utilizar eficazmente da contratransferência e até mesmo para caracterizá-la conceitualmente como tal. Esta discriminação,fruto de uma autoanálise, permite ao analista, apreender o aspecto do paciente que é negado à sua consciência. Esse processo guarda certa semelhança com o que ocorre na produção onírica. Acreditamos que tenha sido esta a razão da utilização da expressão *sonhar o sonho do paciente*. Neste contexto a palavra "sonho" não se refere ao fenômeno que ocorre enquanto dormimos e si mais diretamente a processos oníricos semelhante ao que ocorre durante o sono. *To dream together*—paciente e analista- se constitui a partir da transformação de uma experiência emocional em fenômeno expressivo e dirigida ao outro. Este se presentifica na mente do analista sob a forma de um afeto que adquire uma forma simbólica. Sendo esta no mais das vezes visual, para posteriormente ser transformada em símbolo verbal e comunicado ao paciente sob a forma do que habitualmente chamamos de interpretação. Por que é que esta transmissão gera uma forma visual? É preciso lembrar que uma forma visual é mais propensa a conter em si complexas sínteses de experiências e condensação de ligações. Exemplo disso é a caricatura que muitas vezes é mais eloquente para transmitir uma ideia do que 100 páginas escritas. Essa forma simbólica visual no processo de constituição de um comentário interpretativo para o paciente,necessita ser recaptada sob uma forma de símbolos verbais. Neste processo de transformação simbólica é necessário que o afeto transmitido de maneira codificada (encoded) numa projeção seja mantido em suas qualidades expressivas que adquirem então o caráter semântico de metáfora.

É o restabelecimento dessas conexões (*links*), através da interpretação do analista que propiciam a possibilidade de elaboração da atitude defensiva do paciente ao negar a dor psíquica e, como consequência, aparelhá-lo (através da produção simbólica) para enfrentá-la. A interpretação que resultará desse processo não transmitirá apenas conhecimento sobre paciente para este, mas uma possibilidade de ser diferente, graças à vivência emocional propiciada pela interpretação. Sendo assim o analista está propiciando ao paciente **essa transição entre saber e tornar-se**. Ahumada (2011, p13) sugere que esta é a base do que chama de *insight ostensivo*.

Referencias

Ahumada,J.L (2011). *Insight Essays on Psychoanalytic Knowing*. London and New York: Routledge.

Botella,, C; Botella, S. (2005). *The Work of Psychic Figurability*. Brunner and Routledge.

Britton, R. (1998). Belief and Imagination. London and New York: Routledge.

Cassirer, E. (1956) *Esencia y Concepto del Símbolo*. México: Fondo de Cultura Econômica.

Cassorla, R. (2013). In Search of Symbolization: the analyst's Task of Dreaming. In *Unrepresented States and the Construction of Meaning*. London: Karnak.

Collingwood, R.G. (1938). *The Principle of Art*. Oxford: Oxford University Press. Croce, B. (2002).The *Aesthetic as Science of Expression and of Linguistics in General*. Cambridge, New York: Cambridge University Press. Original Edition 1925)

Croce, B. (2002).The *Aesthetic as Science of Expression and of Linguistics in General*. Cambridge, New York: Cambridge University Press. Original Edition 1925)

Klein, M. (1996). *Inveja e Gratidão e outros ensaios.* Rio de janeiro : Imago

Laplanche, J. (1981) Problématiques IV: L'inconscient et le ça, Paris : (PUF) Presses Universitaire de France.

Levine, H. (2016). *A Situação Epistemológica Fundamental. Realidade psíquica e as limitações da Teoria Clássica*. Conferencia apresentada em outubro de 2016 na SBPCSP.

Lopes-Corvo, R.E. (2003). *The Work of W.R.Bion. London: Karnak*

Meltzer, D. (1978). *The clinical significance of the Work of Bion.* Perthshire: Clunie Press.

Meyer, L. (2017) ***A razão do sonho e Eu onírico.*** São Paulo: manuscrito não publicado.

Ogden, T (2004). This art of Psychoanalysis: dreaming undreamt dreams and interrupted cries. IJP 85:857-877

Rocha Barros, E.R. (2000).Affect and Pictographic Image: The Constitution of Meaning in Mental Life. *International Journal of Psychoanalysis* 81:1087-1099.

Rocha Barros, Elias (2006). Afeto e Imagem Pictográfica: o processo de construção de significado na vida mental:.In Avzarabel, J.R (Editor) Linguagem e Constituição do Pensamento,ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rocha Barros, Elias & Rocha Barros, Elizabeth.L (2013) Reflexões sobre os processos inter-subjetivos: *Reverie* Simbolização e Função Expressiva da Mente. In Press (biblioteca da Sociedade SPBSP)

Rocha Barros & Rocha Barros (2016). *The function of evocation in the working-through of the countertransference; projective identification, reverie, and the expressive function of the mind-Reflections inspired by Bion's work* in The W.R. Bion Tradition, Edited by Howard Levite and Giuseppe Civitarese. London: Karnak.

Rolland, J.C. (1998). *Guérir du mal d'Aimer*. Paris : Gallimard.

Roussillon, R. (2010). *Primitive Agony and Symbolization.* London: Karnak.

Sandler, P.C. (2005). *The Language of Bion*. London: Karnak.

Steiner, J(1993). *Psychic Retreats*. London and New York: Routledge.